

A tradução poética em jogo

Álvaro Faleiros

Não é por acaso que a tradução poética é um dos campos mais polêmicos e profícuos nos estudos da tradução. A tensão entre significante e significado, entre forma e sentido, entre sensação e comunicação fazem da tradução do poema o mais impossível e o mais possível dos exercícios de tradução. A decisão depende da noção de traduzibilidade adotada. Assim, a tradução poética, e no limite qualquer tradução, será impossível se partirmos do princípio de que o texto traduzido não é o original. Mas a tradução poética pode também ser a mais possível, pois quanto mais polissêmico for o texto, mais camadas interpretativas, e, por conseguinte, possíveis traduções, habitam-no. Esta é a aposta dos autores dos sete artigos que compõem este dossiê voltado para a tradução poética. Chama a atenção a historicidade que atravessa os textos, sinal de que a compreensão do traduzir se dá, cada vez mais, em função de seus contextos de produção e recepção.

No texto “Li Po e Mao Tse-Tung em português”, que abre o dossiê, Sérgio Medeiros faz uma bela análise das reimaginações para o chinês propostas por Haroldo de Campos e republicadas, em 2009, em edição revista e ampliada. Medeiros apresenta primeiramente a biografia de vários poetas chineses situando Li Po no conjunto de forma bastante esclarecedora para, em seguida, debruçar-se sobre o imaginativo trabalho de Haroldo, trazendo à tona o conceito de tra-

dução “hiperpoundiana”, bastante explicativa dos processos em jogo na reescrita haroldiana. Segue-se a ele o texto “Na esfera da reimaginação”, de Álvaro Faleiros, em que o conceito de reimaginação, elaborado por Haroldo de Campos para a tradução da poesia clássica chinesa, e apresentado em toda sua riqueza no texto de Medeiros, é ressignificado. Haroldo concebeu-o para transpor para uma língua ocidental o processo de composição ideogramática que caracteriza a escrita chinesa. Este processo, contudo, pode ser compreendido como reconfiguração ou, se preferirmos, redimensionamento do poema no espaço. Desse modo, é possível reavaliar, para além de uma *poiética* da identidade, as escolhas tradutórias de José Lira e Maria Gabriela Llansol, ao traduzirem, respectivamente, Emily Dickinson e Charles Baudelaire para o português.

Os dois textos seguintes trazem questões referentes à tradição greco-latina recriada em português. Raquel da Silva Yee e Rosane de Souza, orientadas por Ronaldo Lima, trazem o prólogo inédito da tradução da *Iliada* feita pelo polêmico Odorico Mendes. A apresentação desta “peça essencial à recomposição de parte da história da tradução literária no Brasil”, transcrita neste dossiê, traz à tona de forma inédita aspectos da poética tradutória de Odorico Mendes, como: a importância do conhecimento e domínio amplo da língua alvo; comentários seus a outras traduções de Alexander Pope, Mme Dacier, Melchiorre Cesarotti, entre outros; além da “questão homérica”, a respeito da autoria da *Iliada* e da *Odisséia*, bem atuais. O valor histórico da peça poderá ser verificado pelos leitores.

Ricardo Cunha Lima, também voltado para a tradição greco-latina, apresenta uma discussão em torno de “Um idílio grego traduzido para o latim no Renascimento”. Em seu texto, discute os critérios utilizados na época e apresenta, no plural, propostas de tradução poética, desestabilizando a noção de que o texto deve necessariamente ser traduzido de uma só maneira. Trata-se do poema “Idílio 19”, de Teócrito, traduzido pelo humanista português António de Gouveia, que, nos anos de 1539 e 1540, publicou, em meio a

sua obra epigramática, uma tradução para o latim do referido poema. Essas questões conduziram a duas diferentes propostas de tradução poética. Cunha Lima, numa de suas propostas, utiliza os princípios adotados pelo humanista e procura imitar seus procedimentos aplicando, em sua tradução, as mesmas soluções empregadas anteriormente, diante da obra grega. Nela, a tradução do epigrama latino mantém, como referencial e pano de fundo permanente, o Idílio 19. Na segunda proposta, Cunha Lima utiliza o epigrama *Ictus Amor*, independente de referência ao idílio original grego, buscando reproduzi-las e salientá-las na tradução. A comparação entre as duas revela, por exemplo, a diferença que há entre o poema de Teócrito, de elocução mais simples e fluente, e a tradução latina, mais impregnada de figuras e mais artificiosa, característica do modo de se escrever e reescrever no Renascimento.

Os dois textos seguintes são voltados para o modernismo. “A recepção do modernismo brasileiro nos EUA: Elizabeth Bishop e John Nist” é o tema do trabalho de Eduardo Luis Araújo de Oliveira Batista. O autor, a partir de uma abordagem inspirada em Levefere, em que estão em jogo relações entre tradução, antologização e crítica literária, volta-se para o papel das reescritas na recepção do modernismo brasileiro nos Estados Unidos. Trata-se, com efeito, de analisar os trabalhos de tradução e de edição de duas antologias de poesia modernista brasileira, realizados por Elizabeth Bishop e por John Nist, em 1972 e 1962, respectivamente. O cruzamento desses dois olhares é uma bela demonstração do papel que assumem os tradutores e suas traduções no sistema literário da cultura de chegada, moldando, no caso, o modo de recepção de uma cultura periférica num contexto hegemônico.

Já em “Sobre a tradução de *Oublieuse mémoire*, de Jules Supervielle”, Marlova G. Aseff apresenta a sua experiência na tradução de três sonetos e um quarteto do poeta Jules Supervielle (1884-1960) para a língua portuguesa. Inspirada pelos estudos de John Gledson sobre a influência do poeta franco-uruguaio sobre o brasileiro Carlos Drummond de Andrade, a autora faz uma escolha em que predomi-

Álvaro Faleiros. *A tradução poética em jogo*

nam reflexões sobre a memória, recordações que desdobra em nova reescrita, ampliando os intertextos revelados por Gledson.

O dossiê encerra-se com um estudo de Lauro Maia Amorim intitulado “A poesia negra de Harryette Mullen em tradução: (des)encontros com o leitor”. Partindo de quatro poemas da autora afro-americana contemporânea Harryette Mullen, Amorim pergunta-se sobre os desafios de se traduzir sua poesia, levando-se em consideração os lugares discursivos dos leitores identificados ou não com a estética literária afro-brasileira. O percurso proposto procura contrastar as questões raciais e estéticas, que fundamentam a visão de Mullen no seu contexto de partida, com aquelas encontradas na cultura de chegada. Desse contraste nascem mais perguntas do que respostas, pois, como assinalamos no início, a densidade e opacidade escriturais do poema fazem dele um dos campos privilegiados para a milenar tarefa da reescrita, esse fluxo da fala a ser uma vez mais refeito por você, leitor.